

Na soleira do mistério

Por Piero Ferrucci

Este texto é dirigido a quem se interessa pela psicossíntese e pela sua expressão. Por ser um assunto bastante específico, é uma reflexão sobre temas que são relevantes para todos: a colaboração, a consciência dos próprios limites, o dinheiro, as palavras que usamos, o relacionamento com alunos e pacientes, o mistério da existência.

Quero começar falando de uma característica de Roberto Assagioli, o fundador da psicossíntese, uma capacidade de tocar muitas pessoas que o encontravam. Ele fazia com que aqueles que o encontravam sentissem muito rapidamente ter dentro de si um grande valor; durante e depois de um encontro com ele entrava-se em contato com nossas melhores qualidades, com nossas mais belas potencialidades, ativadas e prontas a florescer.

Desta forma, criava-se uma atmosfera de cumplicidade e um sentimento de ser partícipe com ele de um vasto, útil e belíssimo trabalho. A perspectiva de Assagioli era de uma evolução da nossa sociedade que solicitava a colaboração de muitíssimas pessoas de várias procedências: uma evolução da consciência, da nossa cultura, do modo de conceber o ser humano e de entrar em contato entre nós. Por isto mesmo agradava-lhe dizer às pessoas que encontrava: “Nós fazemos o mesmo trabalho”. É como na bem conhecida história dos quebradores de pedras, que não cumpriam somente um trabalho banal de labuta, mas participavam da construção de uma catedral.

Ao mesmo tempo, era crucial para Assagioli que cada um se ocupasse da própria e específica área de competência, sem interferir no trabalho alheio, sem julgar ou dizer aos outros o que deveriam fazer. “Chacun doit cultiver son jardin”, diz o dito francês retirado de Voltaire que ele usou para citar: cada um deve cultivar seu próprio jardim, o que significa instruir a si mesmo e fazer o próprio trabalho o melhor possível. E depois permanecer ali

Manter o equilíbrio entre estas duas tendências opostas, a inclusão dos outros e do mundo, e o rigoroso respeito dos próprios limites, é uma tarefa que nos acompanha por toda vida, um equilíbrio que é fácil perder, mas essencial reconquistar a cada dia.

Quem estuda a psicossíntese segue também muitas vezes outros ensinamentos. Por exemplo, aprecia o valor de duas diferentes entidades: o esoterismo e a psicossíntese (mas também: a Kabala, o Vedanta, o Budismo.... e a psicossíntese). Recebe um autêntico guia e um alimento espiritual de grande valia de ambas. Portanto não vê a necessidade de tê-las separadas, e experimenta de algum modo uni-las. Mas duas boas coisas juntas não fazem necessariamente algo maior e melhor.

Roberto Assagioli idealizou a psicossíntese como entidade independente de qualquer que seja o credo religioso ou esotérico. A psicossíntese leva as pessoas até a porta do mistério, mas a responsabilidade de dar o próximo passo é delas: “Desejo deixar bem claro que a psicossíntese, como concepção científica e como atividade biopsicoterápica não toma nenhuma posição específica, nem metafísica e muito menos religiosa; ela dá a esta atividade do espírito humano o máximo valor, mas não tenta de nenhuma forma invadir seu campo; ela alcança a porta do mistério e ali se detém.” (“Medicina psicossomática e biopsicossíntese”, Roma 1967). Acredito que nos seja de grande valia e grande humildade estas fortes palavras: elas dizem respeito a: saber, *onde parar*.

Quando fiquei por algum tempo nos Estados Unidos em 1972, escrevi a Assagioli, questionando-o para que me esclarecesse a respeito da relação entre psicossíntese e outras formas de espiritualidade. Na resposta escreveu:

“Como sabe, procurei criar um “muro de silêncio”, mas ele teve e tem muitas brechas! Agora estou convencido que não importa tanto manter tal “muro” quanto deixar bem claro e manter uma clara distinção entre o campo científico e os outros (esotérico, espiritual, mas também religioso e filosófico sistemático). É necessário compreender que a psicossíntese tem um caráter claramente científico e “experencial”. Baseia-se e permanece aderente à realidade e às condições de cada um. Entretanto, ela evita formular teorias e criar “sistemas” ou doutrinas, seja de natureza científica ou considerada como tal”.

“Esta sua *neutralidade doutrinaria* apresenta uma grande vantagem em que cada um pode enquadrar e usar a psicossíntese dentro da moldura (framework) das próprias convicções extracientíficas (religiosas, metafísicas e etc.). Todos tem o direito de fazê-lo, assim como um cirurgião ou um engenheiro podem aderir – fora de sua profissão – a qualquer que seja a religião, filosofia ou movimento espiritual e deles ocupar-se ativamente.”

A meu ver este tema toca seis pontos fundamentais.

O primeiro é a **linguagem**. Escreveu o grande filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein:

“Die Grenzen meiner Sprache bedeuten die Grenzen meiner Welt” (cito a frase em alemão porque é particularmente bela na sua língua original, quase como uma poesia): a linguagem que uso define, aliás, *significa* o mundo no qual eu vivo. A psicossíntese usa palavras neutras: eu, subpersonalidades, inconsciente, funções psicológicas etc. A linguagem que usamos define os nossos limites.

Os limites não são uma coisa negativa. São como uma afirmação disto que podemos ou não fazer, do que queremos e não queremos falar. Constituem um *campo*. Definir um campo é um feito que requer disciplina rigorosa, para manter-se dentro da própria área de competência. A linguagem que usamos é a linguagem científica (no sentido mais vasto da palavra, isto é empírico). O sujeito é a experiência humana: o que temos é o que estudamos. Do ponto de vista esotérico, ao contrário, qualquer evento humano é visto em um contexto incomparavelmente mais vasto. Por exemplo, segundo a Astrologia Esotérica de Alice Bailey, e cito aqui com o máximo respeito, a nossa vida

planetária é influenciada pelas constelações da Ursa Maior, das Plêiades Sírio e sete sistemas solares (do qual o nosso faz parte), os sete planetas sagrados (do qual o nosso não faz parte), e cinco planetas ocultos, os sete centros planetários, os sete centros de força no corpo etérico humano e os doze signos do zodíaco, além de duas grandes estrelas: Betelgeuse e Antares.

Agora imaginem ter que comunicar estas ideias a um grupo de corajosos neurocientistas em um congresso de psicoterapia, ou de professores em busca de ideias práticas, ou de enfermeiros e médicos estressados desejosos de enfrentar a *Burnout*, ou empregados domésticos desesperados que chegam a vocês ao fim de um dia difícil, depois de ter colocado para dormir as crianças, e quem sabe querem somente aprender a ser um pouco menos transtornados. Esoterismo? Talvez para algumas destas pessoas fosse uma belíssima revelação. Mas para outras seria motivo de confusão ou contrariedade. Não seria isto que procuramos. Não queremos que isto aconteça.

Recordemos que o esoterismo usa uma linguagem simbólica e alusiva. Dizer que Betelgeuse e Ursa Maior influenciam a vida humana não é uma afirmação literal, mas um expediente para despertar a intuição de quem lê e ajudá-lo a vislumbrar a unidade do cosmos e conceber realidades inefáveis. Ao contrário, a psicossíntese usa uma linguagem concreta e empírica. São duas expressões muito diferentes.

O mesmo aplica-se à religião. Na psicossíntese isto que é visto como uma intuição do supraconsciente poderia ser interpretado por um cristão como inspiração do Espírito Santo. Uma experiência da “voz interior” poderia ser para outra pessoa o sussurro de Krishina que alcança o tumulto da vida. Estes são pontos de vista legítimos, se adotarmos a perspectiva de um destes sistemas. Mas não funciona mais se não nos pertence.

O segundo ponto trata do **método**. A psicossíntese começa sempre pelo mundo do indivíduo, pelo dado empírico. Daquele mundo segue ao universal – isto é descreve fenômenos que acontecem também a outras pessoas, e procura encontrar uma estrutura em comum. Este é o método da ciência. Para a psicossíntese o Eu e as experiências transpessoais são acontecimentos naturais. Não são absolutamente sobrenaturais, mas são fenômenos a serem estudados como o fluxo das águas, os movimentos dos astros ou o desenvolvimento das plantas.

O esoterismo começa no cosmos como interação universal de energias, depois avança ao sistema solar, ao planeta, à humanidade, e enfim ao indivíduo. A psicossíntese joga um jogo, o esoterismo joga outro. Pode-se jogar futebol ou pode-se jogar xadrez. Mas os dois não podem ser combinados.

Em minha experiência, e tanto quanto sei, a psicossíntese foi criada segundo este critério. Se a misturamos e a combinamos com as nossas teorias preferidas, a diluímos e a enfraquecemos. Torna-se irreconhecível. Se concebemos a psicossíntese como a escola de psicologia autônoma que na realidade é, com suas fronteiras, seus métodos, sua linguagem e seus objetivos, contribuiremos para mantê-la forte.

Terceiro: **A fonte**. A psicossíntese é uma escola autônoma de psicologia. Às vezes ouve-se dizer que a psicossíntese é uma derivação do esoterismo ou sua tradução. Alguns nos exortam: vocês são corajosos! Mostrem sua verdadeira crença, as raízes

verdadeiras do seu trabalho. Esta é a psicologia do futuro. Vão em frente! Sejam corajosos!

Não concordo com esse modo de ver. Não há dúvida que Assagioli foi inspirado pela Teosofia e por Alice Bailey. Entretanto concebe a psicossíntese como um sistema autônomo, que tem *em si* a própria razão de ser. Suas ideias e seu espírito não vêm de outra fonte. Acreditar que a psicossíntese extrai a sua verdade de uma fonte outra é induzir ao erro. Enfraquece a psicossíntese, e a transfere a uma espécie de esoterismo do tipo B, o que não é. Além disso, a psicologia contemporânea não está inteiramente andando naquela direção. Ao contrário, está movendo-se em direção a critérios sempre mais severos, métodos mais precisos, limites mais definidos e uma maior importância à pesquisa empírica. A psicologia de agora é muito mais rigorosa e exigente do que nos tempos de Assagioli.

Voltemos à autonomia. Pensem em uma pessoa que, para viver normalmente, tem necessidade de suporte, guia e energia de outra pessoa. Este indivíduo provavelmente mostraria algum tipo de patologia. Vemos esse indivíduo todo o tempo em psicoterapia, e ajudamos estes pacientes que são dependentes de uma ajuda externa a resgatar o acesso à sua energia vital e sabedoria interior. O mesmo acontece com as ideias. A psicossíntese é sem dúvida inspirada pelas tradições espirituais de várias épocas. Mas se a concebemos como derivando o seu ser de uma outra fonte, uma fonte à qual alguns tem acesso e outros não, removemos sua força intrínseca.

No momento em que a autoridade espiritual é de *uma outra parte e não dentro de nós*, dependemos de outras pessoas que façam mediação entre a autoridade espiritual e nós mesmos. Parece-me que todo esforço da psicossíntese caminha em direção oposta: no dar a nós, a experiência no aqui e agora, todo valor que merece, usando a nossa linguagem, nossos conceitos e nossas construções conceituais. Pensar a psicossíntese como uma versão do esoterismo para as massas não só dá uma falsa ideia: reduz também a originalidade de Assagioli, como também o potencial de aprendizagem do aluno ou paciente.

Na psicossíntese podem-se encontrar segmentos de várias tradições e sistemas: por exemplo, a desidentificação é um eco do Vedanta; Platão falou de “psicagogia” (autoeducação e trabalho do eu); a ideia de descida na obscuridade e de ascensão em direção ao Espírito é um tema forte da Divina Comédia; as histórias do Graal celebram a procura da taça cheia de amor e de consciência; na tradição hebraica o encontro entre o “eu” e o “Tu” é central. Estes são todos temas que podem ser encontrados na psicossíntese, ainda que as vezes radicalmente transformados: por exemplo, o Vedanta tem uma visão determinista do destino humano, para Assagioli é a desidentificação que facilita a vontade. Outros exemplos: Assagioli encontrou em Goethe alguns temas poéticos que contribuíram para a criação da psicossíntese; de Freud recebeu a ideia de inconsciente; de Jung o tema dos arquétipos e do inconsciente coletivo; de Hermann Keyserling a ideia de ensinar a sabedoria; da tradição americana de Emerson a James a Maslow – o tema da expansão da consciência. E isto é somente para dar alguns exemplos.

Não que Assagioli tenha pegado os pedaços aqui e ali e em seguida colocados juntos. Todas estas influências o inspiraram a criar a sua síntese original. Trabalhou de

1909 (ou até antes) até a morte em 1974. Mais de 65 anos. Porque ele teria se comprometido a criar a psicossíntese, isto é construir uma escola de psicologia e pedagogia, entrar na difícil arena da psicologia e pedagogia, encontrar algumas das melhores mentes na psicologia e na psiquiatria do século XX, e deste modo participar não de uma, mas de duas revoluções (a psicanálise e a psicologia humanista e transpessoal) na breve história da psicologia, ocupando-se em iniciar centros e institutos e atividades didáticas e publicações em todo o mundo – se depois o resultado não fosse outro que um tipo de esoterismo diluído?

E também naturalmente, é necessário não esquecer os enormes progressos da psicologia nas últimas décadas. Destas a psicossíntese deve e pode dar conta. Destes desenvolvimentos pode ser enriquecida e reforçada. Em alguns casos têm antecedentes e também é um aspecto significativo. Aqui fala-se de *síntese*, não de tradução.

Ao descrever as diferenças entre a psicossíntese e várias formas de espiritualidade como o esoterismo, devemos ter presente também o aspecto da **adesão**. A psicossíntese não pede um comprometimento com um sistema na sua totalidade; podem ser escolhidos somente os aspectos e técnicas que são úteis e relevantes, sem um pleno empenho a uma fé e a uma vasta visão do mundo que cobre todos os aspectos da vida interior e exterior. Não é assim para o esoterismo e a religião, que requerem de nossa parte um pleno *abandono* do eu a uma inteira perspectiva sobre a realidade. Aqui estamos diante de dois tipos muito diferentes de adesão.

Uma característica fundamental da psicossíntese é que deixa as pessoas livres para abraçar qualquer credo, sem forçá-las a aceitar um conjunto de pressupostos e crenças. E para aqueles que já têm uma fé? Nenhum problema. A psicossíntese muitas vezes ajuda muitas pessoas a compreender mais profundamente qualquer sistema religioso ou esotérico aos quais já tenham aderido.

Temos então a questão da **ética profissional**. A “neutralidade doutrinária” é um dever em toda profissão, onde aqueles em posição de ajudar e instruir são convidados a respeitar a visão de mundo dos alunos, clientes, pacientes, sem vender ou contrabandear a sua própria, ou usando o prestígio do próprio papel para convencê-los do próprio credo.

Quando chegamos à soleira do mistério, devemos nos deter. Não fazê-lo, e seguir adiante como se nada fosse (ainda que com a melhor das intenções), significa levar uma pessoa à territórios onde não pediu para ir. Nós não podemos fazer estas escolhas pelos outros, sem nem mesmo informá-los. É como um ônibus que, em vez de parar no terminal, continua sem parar, andando fora da rota e obrigando os passageiros a ir onde não pediram. Por isto o Instituto de Psicossíntese declara-se em seu Estatuto, não confessional (art.1).

Às vezes acontece mesmo o inverso. As pessoas que encontramos em nosso trabalho estiveram em territórios distantes, realizaram suas escolhas e construíram sua visão de mundo. Imaginem que um paciente chegue a mim dizendo que foi traumatizado em uma vida anterior. Eu aceitarei imediatamente suas explicações e proponho trabalhar este ponto. Movimentar-me-ei no âmbito de seu mundo, respeitando-o pelo que é. Neste caso específico devo dizer que tenho minhas dúvidas

que se trata verdadeiramente de uma vida passada (se bem que esteja aberto a esta hipótese). Penso que tenha mais a fazer com o inconsciente do paciente (mas não é necessário que lhe diga e procure persuadi-lo). O inconsciente tem, como explicamos aos nossos alunos, uma extraordinária capacidade *mitopoética*: a habilidade em criar histórias imaginárias e fazê-las parecer verdadeiras e convincentes que ele não pode distingui-las da realidade. O trabalho de Elizabeth Loftus sobre falsas recordações também indica esta direção. Aqui quero dizer também que Assagioli em geral desaconselhava regredir às “vidas passadas” (admito que assim fosse). Éramos menos evoluídos em uma (eventual) vida passada que na presente, então por que despertar material dormente e temas já superados? É preciso seguir sempre a via mais simples. Mas como psicoterapeuta aceitarei qualquer visão de mundo que um paciente me traga, movendo-me em direção ao seu interior. Enquanto terapeutas, guias, educadores, conselheiros, somos antes de qualquer coisa, hospedeiros.

Enfim há a questão do **dinheiro**. Frequentemente o trabalho no âmbito esotérico é considerado gratuito. Isto é para afastar quem o realiza das dinâmicas da sociedade, e para dar-lhes uma liberdade interior que diferentemente poderiam não ter. Assim não é o caso da psicossíntese, mais afeita nas vias do mundo, e frequentemente apresentada como um trabalho profissional e, portanto, pago. O dinheiro na nossa cultura (com raízes católicas, exceto no mundo protestante) tem frequentemente conotações negativas. É visto como algo impuro, que corrompe o espírito. Estes são condicionamentos históricos e sociais que caracterizam o dinheiro, mas não é a sua essência. Como Assagioli ilustra em seu texto a respeito disto (“Dinheiro e vida espiritual”), o dinheiro é um instrumento neutro, e as características e o fim que queremos lhes dar dependem de cada um de nós. O trabalho *deve* ser retribuído, e não o fazer lhe tira o valor. Este é muitas vezes um argumento que enfrentamos com os nossos alunos, alguns dos quais às vezes sentem-se culpados e embaraçados por receber dinheiro de uma obra que se baseia na solidariedade, empatia, cura do outro, generosidade de intenção: valores sem preço. Pagar por este trabalho (aconselhamento, psicoterapia, ensinamento e etc.) parece para alguns, mercenário. Ao contrário é uma troca de energia, e se a troca não acontece, o trabalho é danificado. Isto que é pago não é o valor espiritual, que não pode nunca ser reduzido à mercadoria, mas o tempo e o empenho de quem trabalha.

Cada um destes seis temas é a meu ver fundamental no trabalho de psicossíntese, isto é, de autoformação e de tratamento dos outros. Argumentos com os quais procurei aqui clarear as ideias, sem nenhuma intenção de dar a última palavra ou de interferir no trabalho alheio.